

Música e política em Lisboa nos anos do pós-guerra: os concertos da Orquestra Sinfónica de Lisboa no Teatro Politeama (1920-1925)

LUÍS M. SANTOS
(CESEM / NOVA FCSH)

[...]

Nascido em Buenos Aires, onde a família se encontrava emigrada, Joaquim Fernandes Fão (1878-1947) iniciou a sua aprendizagem musical com o pai, músico amador, e após o estabelecimento em Portugal, em 1888, cedo ingressou no Regimento de Infantaria n.º 3, em Viana do Castelo, abraçando uma actividade de músico militar a que daria continuidade em Lisboa, em Infantaria 2, enquanto fazia os seus estudos no Conservatório. Foi violinista na orquestra do Teatro de São Carlos, bem como concertino em temporadas de ópera no Coliseu dos Recreios, até que em 1902, por concurso público, foi colocado como chefe de banda no Regimento de Infantaria n.º 26, em Ponta Delgada, cargo que manteve durante dois anos, sendo entretanto nomeado director da Banda da Guarda Municipal do Porto. Quando em Março de 1911 faleceu António Taborda, o regente da Banda da Guarda Republicana de Lisboa (corporação surgida com o 5 de Outubro, no lugar da monárquica Guarda Municipal, tal como sucedera no Porto), coube a Fão, por meio de eleição, e transitando da congénere do Norte, assumir a regência do agrupamento ligado à instituição que em Maio de 1911 passaria a designar-se Guarda Nacional Republicana, uma força militarizada que no quadro do novo regime assumia a função de uma guarda pretoriana. E foi nessa posição, em que se manteve até à sua aposentação em 1935, que Fão rapidamente viu a sua popularidade crescer nos anos 10 (em breve, também o seu irmão Artur começaria a ganhar notoriedade à frente da Banda da Armada).

[...]